
8M e as disputas das mulheres na cidade: entre a rua e a telerealidade¹

Priscila Rodrigues Bittencourt²

RESUMO

O artigo, baseado na pesquisa de doutorado intitulada "Aos olhos da rua: presenças de mulheres no Centro da cidade do Rio de Janeiro", concentra-se no dia 8 de março de 2023, e inclui uma prática de campo que corpografou (JACQUES; 2009, 2012) a marcha 8M no Centro do Rio de Janeiro, além de uma análise fenomenológica do telejornal RJ2 da Rede Globo. A análise revela que, apesar da narrativa televisiva sugerir que as mulheres ocupam lugares de destaque nas ruas, elas ainda lutam por direitos básicos.

PALAVRAS-CHAVE

cidade; corpo; televiolência; telerealidade; imagem

Contexto

Este artigo faz parte da pesquisa de doutorado intitulada "Aos olhos da rua: presenças de mulheres no centro da cidade do Rio de Janeiro", iniciada em março de 2023, que busca analisar como mulheres que protagonizam e realizam ações culturais na região central do Rio de Janeiro, ensaiam outras performatividades do feminino na cidade. Para a investigação, foram consideradas o trabalho de campo realizado no Centro do Rio de Janeiro, em ocasião do ato político protagonizado por diferentes coletivos e organizações dos movimentos de mulheres, intitulado 8M e a análise do programa jornalístico RJ2 veiculado pela rede de televisão aberta TV Globo. A escolha do corpus de análise compõe parte de um exercício de reflexão sobre os imaginários do que é ser mulher no Rio de Janeiro. O entendimento do alcance do discurso televisivo faz com que, para o exercício de reflexão, analisemos suas narrativas, assim como a experiência nas ruas do Centro da cidade. Em diálogo com o pensamento do

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação, Tecnicidades e Culturas Urbanas, XIX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 47º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, com orientação de Cíntia Sanmartin Fernandes.

pesquisador Philippe Joron, considerando as pesquisas sobre *televiolência* e *telerealidade*, assim como abordagem fenomenológica, delineamos um caminho reflexivo por meio do dia 8 de março de 2023. A data em questão foi incorporada ao calendário internacional pela Organização das Nações Unidas em 1975 para simbolizar a luta pelos direitos das mulheres.

Neste contexto, objetiva-se o exercício de perceber os simbolismos presentes na experiência do dia 8 de março de 2023 ao assistir o noticiário e vivenciar as ruas do centro do Rio de Janeiro, com a proposição de perpassar as diferentes ambiências³ atravessadas pela experiência do corpo em ato no trabalho de campo, assim como, das sensações sobre a cidade ao fazer a operação de leitura da narrativa televisiva. Para evocar os simbolismos presentes no corpus citado, a construção textual por meio da análise de imagens foi o caminho escolhido, com uso de fotografias do trabalho de campo. Como parte desta investigação, assume-se as subjetividades, na busca por colocar estas narrativas em suspenso. Consideramos que o sistema simbólico, construído a partir de relações, semelhanças e analogias, é capaz de dar a ver aquilo que é intangível (DURAND, 2004), com o intuito de ao fim desta escrita, perceber a cena, na qual é possível situar as performances de mulheres em um dia de disputas políticas.

Corpos em ato

A marcha 8M RJ estava marcada para acontecer a partir das 17h, em frente a Igreja da Candelária, no Centro do Rio de Janeiro, e seguir em direção à Cinelândia, trajeto percorrido por diversas manifestações políticas na cidade. Portando uma pequena ecobag e uma câmera Canon semiprofissional, às 17:30 cheguei ao Centro em meio a movimentação que começava a ser expressiva para, ter a experiência e memória do ato através de minha ação no campo, ou seja, *corpografar* (JACQUES; 2009, 2012) a experiência da marcha. De um lado, parado na pista que segue em direção à Zona Norte, o carro de som ampliava o alcance dos discursos. Diferentes grupos carregavam suas bandeiras que seriam também referências para marcação de encontros no ato. O batuque se fazia presente pelas caixas, alfaias e demais tambores tocados por mulheres com arcos de flores na cabeça. Bandeiras e cartazes estendidos pelo chão, enquanto

³ Jean Paul Thibaud nos traz a noção de ambiências como uma "alternativa ao dualismo entre o sujeito e objeto, do sensível e do inteligível, do passivo e ativo". (THIBAUD, 2015, p. 32, "tradução nossa")

mães, mulheres e crianças pintavam as faixas que seriam posteriormente carregadas até o fim do cortejo. As pernaltas, traziam frases e mensagens de protestos em seus corpos, destacando-se em meio a aglomeração.

Cada detalhe daquela atmosfera, construiu uma estética daquele lugar efêmero. Amarrados às árvores e postes, os panos de prato traziam em seus bordados frases de luta e denúncia. Para denunciar as práticas de violência, a poesia de Elza Soares bordada ao lado do número de telefone 180, da Central de Atendimento à Mulher. Os panos, como que em planos sequência, deslocavam a cozinha para a praça pública em um gesto político de luta contra as opressões. Michele Perrot, pioneira de uma historiografia feminista, nos fala sobre “a paixão das coisas”, características das mulheres européias do século XIX que, "Mais do que ao escrito proibido, é ao mundo calado e permitido das coisas que as' mulheres confiam sua memória" (PERROT, 2005, p.37), expressando assim suas narrativas e subjetividades.

A cor predominante naquela atmosfera era o roxo que atualmente é símbolo da luta feminista. A câmera e o caminhar pelo espaço, continuavam a proporcionar o encontro. O receio em fotografar em pleno Centro da cidade havia se diluído. Ao registrar determinados corpos, vinha o questionamento das fotografadas: "Vai sair aonde?". prontamente informei que a princípio em lugar nenhum, que tratava-se de uma maneira de pesquisar, de arquivar aquele campo e experiência. Assim, de maneira experimental, pude capturar *corpos mídia* que performam os gestos de luta com uma estética própria da manifestação, pelo modo de sentir comum e partilha de uma ética (MAFFESOLI, 1987).

Ao longo do ato, os diferentes grupos se posicionavam no cortejo e os panfletos traziam as pautas. Distribuído pela organização geral do evento, o folheto em formato A4, dividido em quatro páginas, trazia o título "8M RJ - Mulheres nas ruas em defesa da democracia! Sem anistia!", em referência aos últimos seis anos regidos por governos de Michel Temer e Jair Messias Bolsonaro. Ao longo do documento, as pautas: "1. Por emprego, renda e pelo fim da fome; 2. Por educação pública de qualidade; 3. Saneamento básico; 4. Racismo ambiental e etnocídio; 5. Legalização do aborto, já!". Ao ler estas pautas percebemos que questões essenciais como o fim da fome e o saneamento básico, afetam estas mulheres que vão às ruas em um gesto de luta. O último ponto da pauta, a legalização do aborto, da luz à exemplos de outros países da

América Latina, como Uruguai, Argentina e Colômbia, nos quais há uma unidade sobre a pauta para legalização do aborto para mulheres e pessoas com útero. Esta pauta defente também políticas públicas para a saúde de "mulheres em sua diversidade (mulheres cis, trans, lésbicas, prostitutas, com deficiência, em situação de rua e população privada de liberdade)".

Ao fazer junto com as mulheres em ato, enquanto pesquisadora, tornei-me também parte daquele corpo coletivo, por intermédio da *carne do mundo* (MERLEAU-PONTY, 2003), a cidade parecia ser segura para minha circulação mesmo tendo em minhas mãos um objeto de valor e que chamava atenção. Um caminhar pela cidade como potência política, criativa e desacelerando o tempo dos carros e da metrópole em horário do rush. O corpo coletivo dava a ver e ouvir os corpos e vozes que pleiteavam condições básicas de existência.

Televisionadas

Como a duração total de trinta e um minutos, a edição do telejornal RJ2⁴, exibido pela Globo, começa com entrevistas de mulheres comuns nas ruas da cidade. Falas como: “correr atrás dos objetivos”, “serem respeitadas”, “guerreiras” e “conquista de espaço”, estão entre as vozes das mulheres anônimas. Em off, a introdução com a jornalista Mônica Teixeira: "Um dia para marcar a luta por direitos, por respeito, por igualdade, um dia também para celebrar conquistas. As mulheres ocupam cada vez mais espaços antes restritos aos homens[..]". Em seguida, são apresentadas Elisângela Carneiro da Silva, motorista de ônibus, e Vanessa Pereira da Silva, bombeira civil profissional.

Após uma sequência sobre violência contra crianças, o telejornal retorna à temática do dia com a cartela "*Lugar de mulher... é onde ela quiser...*" que traz ao fundo imagens ligadas ao mundo do trabalho, como seringas e um estetoscópio, ferramentas, uma sala de aula e canetas. A jornalista Mariana Bispo apresenta Victória Mota, a única joqueta do estado do Rio de Janeiro. Com um discurso que destaca a dimensão corporal da jovem atleta versus a do cavalo, a relação entre potência e força, há tentativa de desconstruir a ideia de que o esporte seria um campo apenas para os homens. A

⁴ A edição do jornal está disponível na íntegra na plataforma Globoplay. Para assistir: <https://globoplay.globo.com/v/11431355/>. Acesso em junho de 2024.

narrativa do quadro é permeada pela mensagem de que ao ocuparem lugares nos campos dominados por homens e que ao estarem inseridas nesse imaginário, de potência, ciência e trabalho formal, as mulheres conquistam espaço na sociedade .

Mais notícias de tiroteios em comunidades da Zona Oeste, citando a "Guerra entre quadrilhas rivais", vídeos feitos por celulares em meio ao tiroteio são compartilhados. O jornalista Rogério Coutinho atualiza sobre as ocorrências de tiroteios nas zonas Norte e Oeste contabilizando mortes, com os relatos de "cariocas que seguem assustados". Em "A Fenomenologia da Televiolência" (2004), o pesquisador Joron destaca que a emissora Globo não investiu na filosofia da violência policial como outras emissoras, no entanto, pela duração e construção do que considero aqui como um bloco de notícias sobre a "guerra na cidade", percebo a construção de uma telerealidade da violência (JORON, 2004) através da elaboração de uma narrativa sobre áreas muito amplas da cidade, colocando-as na condição homogênea a partir da ótica da violência. O discurso sobre as regiões distintas, somado ao relato dos moradores em off e as imagens feitas à distância, trazem a ideia de caos e medo para toda essa região ao longo de aproximadamente três minutos. Isto é, junta-se a violência de áreas diferentes, fora do eixo Centro/Zona Sul, reforçando e atualizando a imagem de zonas em que não alcançaram as benesses da cidade moderna, em que a condição do caos condiciona o cotidiano e, a violência onipresente, atrapalha os moradores de executarem as atividades comuns à vida urbana.

Posteriormente, Mônica Teixeira anuncia a operação nacional de nome "Átria", que no estado do Rio de Janeiro foi coordenada pelo Departamento Geral de Polícia de Atendimento à Mulher e prendeu oitenta e duas pessoas, entre eles, homens condenados por estupro, feminicídio e violência doméstica. O anúncio tem a duração de segundos e é seguido de um aviso para um intervalo com a pergunta "Qual o perfil da mulher carioca?". Ao fim do RJ2, "a cidade maravilhosa como as mulheres maravilhosas, bronzeadas, guerreiras, batalhadoras", estão entre as palavras das mulheres comuns e da jornalista.

O cruzar de tramas: a sensação de ser mulher na cidade

A escrita deste artigo tece um olhar que perpassa a narrativa jornalística e a experiência do trabalho de campo em um ato político. Ao selecionar e editar os pontos

que caberiam a esta trama, busco evidenciar questões distintas, no âmbito do saber sensível, que atualmente envolvem as mulheres no 8M. De acordo com Joron:

a ideologia do racionalismo moderno como o epicentro de um conjunto de valores morais que submetem o ideal de realização da humanidade da Ciência, que por sua vez determina os objetos, os métodos e as áreas de pesquisa a serem privilegiados. Por outro lado, a dimensão gnosiológica da ótica fenomenológica explora as várias facetas do conhecimento que, sem exclusivas, participam da construção do social (JORON, 2004, p. 52)

Portanto, o saber comum, aquele que está nos discursos do dia a dia, pode nos dar pistas sobre o contexto estudado. Diante do corpus analisado, como as reivindicações da marcha 8M, percebo que, em abordagens distintas, as mulheres encontram-se em um campo de disputas para desfrutar das promessas da vida moderna. Ter direito ao saneamento básico, ou seja, abastecimento de água potável, esgoto sanitário, coleta de lixo, manejo de resíduos sólidos, drenagem e manejo das águas pluviais urbanas, é ter o direito de inclusão na dinâmica social das cidades modernas. O direito ao emprego, renda e fim da fome, é a possibilidade de entrar na lógica do trabalho formal e autonomia diante do patriarcado, escapando da lógica do uso "de mão de obra e recursos que precisam parecer externos ao mercado e à sua influências, como o trabalho doméstico não remunerado executado por mulheres" (FEDERICI, 2019,p.382). No mundo racional em que as mais diferentes intervenções nos corpos são legitimadas pela ciência, padrões estéticos e culturais, a intervenção no próprio corpo a respeito da escolha de gerar um filho ou não, ainda é tabu no Brasil.

Observo que o movimento das ruas, assim como a narrativa das mulheres que enfim ocupam espaços predominantemente masculinos, como abordados ao longo do programa RJ2, ou da mulher carioca que seria "independente e empoderada", são maneiras de explicitar as violências diversas experimentadas pela impossibilidade de coexistir em condições de equidade nas dinâmicas que regem a vida social contemporânea. No entanto, a narrativa televisiva, que constrói uma violência onipresente, na qual a disputa das mulheres por espaços no mercado de trabalho aparece entre a "guerra na cidade", dá a entender que vivemos em uma cidade na qual sair às ruas é um gesto perigoso, justamente o contrário do que foi experimentado ao longo do trabalho de campo.

Deste modo, considero que a matéria jornalística se refere a regiões específicas da cidade que não o centro, no entanto as mulheres que realizaram o ato, vieram das

mais diversas regiões da cidade, portanto, atravessaram com seus corpos estas zonas de perigo que considero aqui como o real midiático sobre o Rio de Janeiro (JORON; 2012). Por fim, vale ressaltar que o programa encerra sem fazer nenhuma menção ao ato que ocorria em uma das principais avenidas da cidade no momento da exibição.

Bibliografia:

- FEDERICI, Silvia. **O feminismo e a política dos comuns**. in Pensamento Feminista: Conceitos Fundamentais. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019.
- FERNANDES, Cíntia Sanmartin., MAIA, João., HERSCHMANN, Michael. **Comunicações e Territorialidades: Rio de Janeiro em cena**. São Paulo: Anadarco editora, 2012.
- GONZÁLEZ, Ana Isabel Álvarez. **As origens e a comemoração do dia internacional das mulheres**. São Paulo: Expressão Popular, 2010.
- JACQUES, Paola. **Corpografias urbanas: a memória da cidade no corpo**. In: Corpo: identidades, memórias e subjetividades. Rio de Janeiro: Mauad X, 2009.
- _____. **Elogio aos errantes**. Salvador: EDUFBA, 2012.
- JORON, Philippe. **A Fenomenologia revelada: Georges Bataille e a alteração da sociologia**. in Revista FAMECOS, V. 17, N° 2, Porto Alegre, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Brasil, 2010, pp. 81-88.
- _____. **Fenomenologia da televiolência**, in Revista FAMECOS, N°25, Porto Alegre, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2004, pp. 49-59.
- _____. **A telerealidade da violência no cotidiano**. in Sessões do imaginário, Vol. 18, N° 30, Porto Alegre, 2013, pp. 155-158.
- _____. **A transpiração do cotidiano**. in Comunicação e Sociedade, Universidade do Minho, Braga, Portugal, V. 21, 2012, pp. 241-249.
- MAFFESOLI, MICHEL. **O tempo das tribos: o declínio do individualismo nas sociedades de massa**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1987.
- _____. **Conhecimento comum**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1985.
- MERLEAU-PONTY, Maurice. O olho e o espírito. Ed. Cosac Naify. 2013. E-book
- _____. O visível e o invisível. São Paulo: Perspectiva, 2003.
- PERROT, Michelle. **As mulheres ou os silêncios da história**. São Paulo: Edusc, 2005.
- THIBAUD, Jean. **Éprouver La Vie en Passant: En quête de ambiances**. Metis Presses, 2015.